Audria Leal / Carla Teixeira (Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

Da aplicabilidade da noção de *figura de acção*. Análise de textos de autor

1. Introdução

A problemática do agir humano, seja nas condições desse agir seja na construção de significados, foi, desde sempre uma preocupação que ocupou os estudos das Ciências Humanas e Sociais. De entre esses estudos, os pensadores interaccionistas colocaram a socialização humana como uma questão central para entender o agir humano e a construção dos seus processos. Distinguimos, no lado da Filosofia, nomes como Voloshinov e Ricœur; no campo da Psicologia, Vygotsky, e no da Linguística, Saussure, entre outros, que procuraram na análise do agir o elemento chave para entender a relação entre a linguagem e o desenvolvimento humano.

Neste contexto, destacamos o Interaccionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) como uma corrente que se posiciona em termos epistemológicos na continuidade destes trabalhos. Assim, no enquadramento teórico do ISD, a problemática do agir assume um lugar de destaque, na medida em que permite materializar a reflexão sobre o desenvolvimento humano. Para esta teoria, o agir humano inclui um agir comunicativo. Esta ideia leva o ISD a procurar analisar o estatuto e o papel do agir comunicativo. Nessa linha, a noção de *figura de acção* surge com o objectivo de compreender as representações do agir humano nas suas actividades de linguagem.

Desse modo, o presente trabalho fundamenta-se no âmbito dos estudos do ISD, cujo pioneiro, Bronckart (1999), defende que as actividades de linguagem têm o importante papel de assegurar o entendimento colectivo que permite a realização das acções humanas em geral. Nessa perspectiva, essas actividades humanas organizam-se na forma de textos. Além disso, os textos, na sua organização e no seu funcionamento, deixam intervir diversas escolhas do agente; entre elas, pomos em evidência o género e os tipos de discurso. Bronckart (2006:148) define os tipos de discurso «como configurações particulares de unidades e de estruturas linguísticas, em número limitado, que podem entrar na composição de todo texto». Nesse sentido, como afirma Bronckart (2008b), os tipos de discurso apontam para as *figuras de acção* mobilizadas nos textos.

A noção de *figura de acção*, de certa forma, responde às questões sobre o agir e sua aplicabilidade nas actividades humanas. Podemos mesmo afirmar que esses trabalhos se inserem numa «semântica do agir» referida por Bronckart / Machado (2004) e Bronckart /

Bulea (2005), que procura analisar o «agir» enquanto categoria com vista ao entendimento das intervenções humanas no mundo. Contudo, o enquadramento metodológico das *figuras de acção* foca-se em textos exclusivamente de situação de trabalho a partir de géneros como entrevistas, sendo este o caso da análise das *figuras de acção* no trabalho das enfermeiras (cf. Bulea 2009a). Em contrapartida, aferimos que ainda não foi verificado o ajuste da noção de *figura de acção* ao estudo de diferentes textos que circulam em meios de comunicação como os jornais e as revistas. Desta forma, passamos, então, a perguntar-nos sobre a possibilidade do estender do quadro à análise de outros géneros que participam de outras formas de actividade de linguagem, nomeadamente, a jornalística.

Diante destas considerações, este trabalho tem por objectivo verificar a aplicabilidade da noção de *figura de acção* (Bronckart / Bulea 2005; Bulea 2009a, 2009b) como instrumento de análise em textos de dois géneros diferentes: o *cartoon*, como texto opinativo e com humor, que junta linguagem verbal e não verbal, e a *recensão crítica sobre o vinho* como texto opinativo e orientador do consumo do vinho, no qual a linguagem não verbal complementa a linguagem verbal.

Ainda que bastante diferentes, escolhemos estes dois géneros, pois acreditamos que eles se relacionam entre si através do papel do agente. Isto porque consideramos a definição de género autoral de Maingueneau, como sendo «produto do próprio autor, eventualmente de um editor.» (Maingueneau 2005: 97). À luz deste conceito, consideramos que o *cartoon* e a *recensão crítica sobre o vinho* são géneros autorais¹, na medida em que são géneros ligados a actividades sociais com finalidades pré-estabelecidas, incitam à inovação e têm modelos flexíveis, nos quais participam elementos não-verbais.

Para aferir da aplicabilidade da noção de *figura de acção*, dividiremos a nossa investigação em duas partes. Primeiro, começaremos por enquadrar o nosso trabalho no âmbito do ISD e da investigação que este quadro teórico tem empreendido sobre o agir, apresentando os diversos instrumentos de análise linguística que foram criados, especificamente, os tipos de discurso e as *figuras de acção*. Dado que o nosso trabalho se centra sobre a noção de *figura de acção*, defini-la-emos e discuti-la-emos brevemente. Depois, numa segunda parte de análise textual, analisaremos e verificaremos a aplicabilidade da noção de *figura de acção* aos géneros textuais em causa, identificando as marcas que atestam os usos dos tipos de discurso, conjugando-os com os eixos temporais que os organizam e relacionando essas marcas com a noção de *figura de acção*.

No que diz respeito à análise de textos, adoptaremos a metodologia de abordagem descendente utilizada no ISD que relaciona actividade de linguagem (domínio social), género (modelo de texto) e texto (propriamente dito).

Pomos ainda em evidência que o presente trabalho faz parte do projecto de pesquisa Pretexto – Praxis, Conhecimento e Texto, do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, que procura, entre outros interesses, estudar as relações entre as actividades humanas e os textos.

¹ Ou géneros de modo instituído 3, de acordo com revisão de Maingueneau (2005: 101).

2. O Interaccionismo Sociodiscursivo

2.1. Os pressupostos epistemológicos do Interaccionismo Sociodiscursivo

Como já assumimos na introdução, a noção de texto é, assim, entendida como uma actividade global da comunicação que define, em grande parte, as propriedades e os conjuntos de relações a serem observados. Os textos, na sua organização e no seu funcionamento, são produto das diversas escolhas do agente. Segundo o ISD, as escolhas pautam-se em dois momentos: em primeiro lugar, pela escolha do género e esta tem relação com as actividades de linguagem. Nas palavras de Bronckart (2008b: 127), géneros «são modelos para a produção de textos, que contribuem para a orientação de alguns tipos de agir e que têm sido chamados de textos prescritivos, injuntivos, procedimentos, de incitação à acção, etc». E, em segundo lugar, as escolhas são feitas mediante os elementos que farão parte do plano geral do texto elaborado. Nesse último caso, evidenciamos os tipos de discurso como escolhas que apontam para a *figura de acção*.

Assim, sob esse ângulo, Bronckart (1999; 2008a) esclarece que os textos são organizados por uma arquitectura interna composta por três níveis superpostos e interactivos à semelhança de um *folhado textual*. As três camadas do folhado textual são: a infra-estrutura geral do texto, num nível mais profundo; os mecanismos de textualização, num nível intermediário e os mecanismos enunciativos, que se encontram no nível mais superficial. A infra-estrutura é composta principalmente pelos tipos de discurso e pela articulação entre eles. Já os mecanismos de textualização abrangem a coesão nominal e a conexão, enquanto os mecanismos enunciativos compreendem o posicionamento enunciativo, a presença de vozes e a modalização.

Os tipos de discurso são unidades infraordenadas em relação aos géneros textuais e configuram-se como semiotizações linguísticas que espelham as operações psicológicas essenciais no desenvolvimento humano tais como «a construção da identidade, a inserção no tempo, o domínio dos raciocínios, etc» (Bronckart 2006: 154). Essas operações, por sua vez, baseiam-se na criação e representação dos mundos discursivos. Vejamos a citação abaixo:

A actividade de linguagem, devido à sua própria natureza semiótica baseia-se, necessariamente, na criação de mundos virtuais. Esses mundos são sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente «outros» em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as acções de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da actividade humana. Por convenção, chamaremos os mundos representados pelos agentes humanos de mundo ordinário e os mundos virtuais criados pela actividade de linguagem de mundos discursivos. (Bronckart 1999: 151)

Desse modo, os tipos de discurso vão estar subjugados a duas decisões binárias (Bronckart 2006: 151) que reflectem o mundo discursivo: a primeira refere-se à disjunção ou conjunção, ou seja, trata-se de verificar se as unidades linguísticas verbalizadas no texto mostram relações de conjunção ou de disjunção com as coordenadas temporais da situação

de produção; a segunda refere-se à autonomia e implicação, isto é, trata-se de saber se há ou não relação explícita entre as instâncias de agentividade presentes no texto e as instâncias de agentividade associadas à situação de produção. Desse modo, Bronckart (1999) propõe a existência de quatro tipos de discurso, a saber: *o discurso interactivo*; *o discurso teórico*; *o relato interactivo* e a *narração*, como se poderá verificar no quadro abaixo reproduzido.

		Organização temporal	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	CONTAR
Organização actorial	Implicação	Discurso interactivo	Relato interactivo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

Quadro 1: Os tipos de discurso
(traduzido de Bronckart 2008: 71 *apud* Coutinho 2009: 197)

Na ordem do *Expor*, as características do *Discurso Interactivo* mostram que as coordenadas gerais desse mundo discursivo não são postas à distância do mundo ordinário da interacção. Como exemplo de algumas características, temos a entrada imediata no assunto e/ou a ausência de qualquer origem espaço-temporal, a presença de unidades que remetem à própria interacção verbal, quer seja real, quer seja encenada, e ao carácter conjunto-implicado do mundo discursivo criado. No caso das formas dialogadas, a interacção marca-se pelos turnos de fala e, sobretudo, tanto nos diálogos quanto nos monólogos, pela presença de numerosas frases não declarativas.

Já o *Discurso Teórico* é tendencialmente monologado e escrito e esse carácter traduz-se principalmente pela ausência de frases não-declarativas. Também se caracteriza pela ausência de qualquer origem espaço-temporal, ou seja, não há unidades linguísticas que se referem ao espaço-tempo da produção, nem ao agente-produtor. A interpretação não requer nenhum conhecimento dos parâmetros da situação de acção de linguagem original.

Com relação à ordem do *Contar*, o *Relato Interactivo* mostra uma origem espaço-temporal explícita, que torna o mundo discursivo criado claramente situado em referência ao quadro geográfico e temporal do mundo ordinário dos agentes. Por isso mesmo, no quadro desse mundo disjunto, desenvolve-se um narrar que implica acontecimentos e/ou acções. Já em relação às marcas de agentividade, este tipo de discurso apresenta unidades linguísticas que se referem directamente ao agente-produtor. Também pode dizer-se que este tipo de discurso se desenvolve numa situação de interacção que pode ser real (e originalmente oral) ou posta em cena, no quadro de um género escrito como o romance ou a peça de teatro. Esse carácter monologado traduz-se principalmente pela ausência de frases não-declarativas.

O tipo de discurso *Narração* apresenta uma origem espaço-temporal explícita. Há outros segmentos de textos que apresentam o mundo discursivo não-situável e essa própria não situabilidade é clarificada por uma origem espaço-temporal explícita, mas indeterminada, do tipo: *era uma vez, em um país longínquo, um dia, em ..., etc.* Nesse caso, não há unidade linguísticas que façam referência directa ao agente-produtor. Os personagens em cena no texto são identificáveis, e nenhuma unidade se refere ao espaço-tempo da produção. A Narração é, geralmente, escrita e sempre monologada, conseqüentemente, comporta apenas frases declarativas.

No quadro metodológico da análise das figuras de acção, os tipos de discurso estão presentes como características preponderantes para a identificação dos processos de agentividade e situacionalidade. Os tipos de discurso esclarecem, também, os processos da construção dos mundos discursivos que, por sua vez, segundo Bronckart (2006: 154) «contribuem para colocar em interface representações individuais (que têm sua sede em um organismo-agente) e representações colectivas (que têm sua sede nas obras humanas). Esses tipos constituem-se, na realidade, como formatos obrigatórios dessa colocação em interface.»

2.2. O conceito de *figura de acção*

Propondo-se o ISD a estudar o agir, este tem vindo a reflectir sobre o mesmo através do estudo de *corpus* de textos institucionais e prescritivos e de entrevistas a enfermeiras, operários de fabrico de material médico e de laboratório e docentes (Bronckart / Bulea 2005; Bulea 2009a; Bulea 2009b; Bulea 2010).

O conceito de *figura de acção*, principalmente dinamizado por Bulea, surge a partir desta investigação realizada no âmbito do agir (agir humano), considerando o agir-referente o trabalho e concretizando o que, no ISD, era considerado uma questão de princípio: «toute production langagière constituait une forme particulière d'activité et/ou d'action, qui avait la propriété de commenter, de réguler et de structurer les autres activités/actions humaines, d'ordre non verbal (ou général).» (Bronckart / Bulea 2005).

As *figuras de acção* provêm de escolhas dentro das representações do agir que são dependentes dos tipos de discurso e dos eixos temporais manifestados nos textos (Bronckart 2008b), por isso são «les produits interprétatifs visant l'agir(-réfèrent) et mobilisant les types de discours» (Bulea 2009a: 141), o que quer dizer que as *figuras de acção* são entidades de significação supraordenadas em relação às unidades palavras e infraordenadas em relação aos textos, combinando análise temática com análise dos tipos de discurso.

Até ao presente, foram identificadas e caracterizadas cinco *figuras de acção*: a acção ocorrência, a acção acontecimento passado, a acção experiência, a acção canónica e a acção definição. Tendo por base a investigação citada, passaremos brevemente em revista cada *figura de acção*.

Considerando a sequencialidade referida das acções, um eixo de análise importante será, certamente, o da agentividade, dado que a acção ocorrência se caracteriza por uma implicação forte do agente e, na acção definição, a agentividade é nula. Também a presença das localizações e dos vários tempos verbais é mais diversificada na acção ocorrência, passando pelo uso de formas neutras e do Presente Genérico noutras acções, a formas impessoais na já mencionada acção definição. Estas são características verificáveis no quadro a seguir reproduzido.

Figuras de Acção	Ocorrência	Acontecimento passado	Experiência	Canónica	Definição
Tipo de discurso	Disc. interativo () Disc. relatado)	Relato interativo	Disc. interativo	Disc. teórico Disc. interativo	Disc. teórico
Eixo de referência temporal	Situação de interacção (eixos locais)	A montante (marcado)	Não delimitado	Não delimitado (não marcado)	Marcado
Localizações (repérages), formas verbais	Ante, Post., Sim. Pres., Pps, Fut Perf. (fr.: Prés., Pc, Ftp)	Isocrónicas Pps, Imp (fr.: Pc, Imp)	Neutras Pres. Genérico	Pres. Genérico	Formas impessoais «ser» / «ter»
Agentividade	Implicação forte (estatuto de actor) eu	Implicação atestável eu	Implicação + frac tu, (eu, se)	Neutra se	Nula
Modalizações	M-PRAG; outros Verbos de «pensée»	M-DEON	M-DEON; M-EPIS; M-APPR	M-DEON Externas às relações Predicativas	-----
Características outras	Deicticos, nomes próprios	Séries isotópicas Anáforas pronominais	Marcas de variação (Se + qualquer coisa)	Estruturas argumentativas	Responsabilidade enunciativa
Estrutura Geral	Apresentação desorganizada	Esquema narrativo; organização temporal cronol.	Cronologia Elástica	Processo de justap. S - V - Cpl	É qualquer coisa..., Há qualquer coisa...

Quadro 2: Características das *figuras de acção*
(traduzido e adaptado de Bulea 2009b)

Desta forma, a acção ocorrência é utilizada com um forte grau de contextualização, e a partir desse contexto se mobilizam os elementos disponíveis no ambiente imediato do agente, descrevendo uma acção do agir-referente próxima à sua transposição para a forma da linguagem («forme langagière», Bulea 2009a: 142).

A acção acontecimento passado reflecte uma acção retrospectiva do agir, com uma contextualização do agir sob o ângulo da sinceridade, destacando-se o carácter saliente de uma experiência pessoal do agente (com valor ilustrativo).

Uma acção experiência dá conta do agir-referente como balanço do estado actual da experiência do agente, descontextualizada mas recontextualizável, sendo passível de ser adaptada pelo agente.

Segue-se a acção canónica, uma forma de construção teórica, prototípica e neutra, com uma estrutura cronológica do curso do agir e/ou das normas em vigor.

Finalmente, a acção definição parte do agir-referente como objecto de reflexão, apoio e orientação para uma nova re-definição explícita da parte do agente, sem uma organização sequencial ou hierárquica.

4. A análise de textos

Como foi anteriormente referido, o ISD assume um estudo do agir numa vertente predominantemente praxiológica, recorrendo para tal à análise de textos. Outros estudos têm sido feitos sobre o agir, como é o caso de Adam 2001, enquadrando a sua investigação na Linguística Textual e partindo das características linguísticas dos textos.

De facto, consideramos o género *recensão crítica sobre o vinho*, dado que pretende aconselhar o leitor ou orientá-lo numa compra futura, possuidor de um certo carácter instrucional. Dessa forma, consideramos este género próximo do que Adam designa como *géneros de incitação à acção*², expressão que caracteriza textos processuais e textos com múltiplas instruções, pedidos e recomendações.

Pelas características definidas previamente como inerentes aos textos de acção em Adam (2001), a *recensão crítica sobre o vinho* não será considerada um texto de incitação à acção, no entanto, somos da opinião que também incentiva à acção se observarmos que o texto *per se* formaliza um macro-acto ilocutório directivo; ou seja, uma *recensão crítica do vinho* incentiva o leitor à compra do vinho recomendado, verificando-se uma orientação global deontica que não é formalmente explicitada.

Passemos, então, à análise dos textos, tendo em vista a aplicabilidade do conceito *figura de acção*, considerando, particularmente, os tipos de discurso, em dois géneros de texto, o *cartoon* e a *recensão crítica sobre o vinho*.

4.1. Texto 1: o género textual *recensão crítica sobre o vinho*

O texto *No coração do Dão* saiu na revista suplemento *Must* do *Jornal de Negócios*, em Abril de 2010. O género de texto no qual se filia, a *recensão crítica sobre o vinho*, é produto da conjugação entre duas actividades de linguagem, a actividade de produção e comercialização do vinho, que detém o saber sobre o vinho e promove a venda do produto, e a actividade jornalística que apresenta o produto como novidade ao seu leitor, a partir de um ponto de vista (supostamente) objectivo.

² Os géneros (e textos) de incitação à acção, assim designados por Adam (2001), são textos muito diversos (tais como enunciados injuntivos, textos legais, requerimentos e regulamentos, regras de jogos, receitas de cozinha, guias de itinerário de passeio), que incentivam alguém a fazer algo, tendo, por isso, uma «une action discursive englobée dans le *dire de faire*.» (Adam 2001: 21) Outras características indicadas pelo mesmo autor são a veracidade das informações fornecidas, a unificação configuracional (entre tema-tópico e acto do discurso) e a homogeneidade pragmático-semântico e «scripto-visuelle» (Adam 2001: 21).

VINHO

No coração do Dão

NO DÃO, HÁ UM VINHO QUE PRIMA PELA ELEGÂNCIA. TRATA-SE DO QUINTA DA FALORCA, UM EMBAIXADOR DO MELHOR TINTO. POR FERNANDO SORRAL

O vinho é uma memória viva da civilização. É um prazer, como companhia perfeita numa boa refeição, é um sinal de distinção de acordo com a escolha que é feita pelo consumidor mais exigente. Há muitos vinhos disponíveis, mas há alguns que são verdadeiros néctares, pelo sabor e pelo aroma que transmitem. Do Dão, surge agora um tinto que transborda elegância: o Quinta da Falorca Reserva 2004 – Lagar. Um bom trabalho de Carlos Figueiredo com a Vines & Wines. Engarrafado em Setembro de 2008, demonstra as grandes qualidades das castas Touriga Nacional, Tinta Roriz e Alfrocheiro Preto e daí resulta um vinho de assinalável estrutura e com aroma frutado e distinto. É a Quinta Vale das Escadinhas o verdadeiro coração desta proposta empolgante. Pertencente, desde há cinco gerações, à família Costa Barros de Figueiredo, hoje liderada por Carlos Figueiredo, consiste em quatro parcelas na sub-região de Silgueiros. Nos últimos trinta anos, as vinhas foram sendo reconvertidas, mas tratava-se de aproveitar ao máximo as condições excelentes da área. É uma quinta típica do Dão, entre montanhas e vales, que alterna o frio e a chuva de Inverno com o calor seco do Verão, o que torna o vinho o fruto de condições tão extremas. A Quinta Vale das Escadinhas fica, de resto, junto ao Rio Dão, próxima de Viseu. Embora nem todas as castas disponíveis sejam utilizadas neste Quinta da Falorca, é de assinalar que, ali, a Touriga Nacional é hegemónica (52%), ladeada de uvas de Tinta Roriz, Alfrocheiro Preto, Tinta Pinheira e Jaen, numa assinalável dispersão de aromas e sabores. A quinta tem ainda uma área mais reduzida, destinada às castas brancas Encruzado e Malvasia. Com um portefólio assente nas marcas da Quinta da Falorca (Falorca, Rose, Colheita, Reserva, Tinta Roriz, Touriga Nacional e Garrafeira) e na marca Falorca Tnac, tem já merecido alguns prémios relevantes no mercado externo como a medalha de bronze no Wine Master's Challenger de 2002, com o vinho Quinta da Falorca Reserva 2000 ou os sucessivos e estimulantes "pontes Parker" dados ao Touriga Nacional (90 pontos) e Falorca 2006 (88 pontos), entre outros. Com um mercado externo diversificado (Suíça, Noruega, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Espanha, E.U.A. e Brasil), aposta agora num novo e estimulante tinto reserva. A descobrir, pois claro. ■

30 "TILUST" Abril 2008

Imagem do texto 1 (disposição de elementos verbais e não verbais)

Nº	Texto <i>No coração do Dão</i>	Tipo de discurso	Figuras de acção
1	O vinho é uma memória viva da civilização. É um prazer, como companhia perfeita numa boa refeição, é um sinal de distinção de acordo com a escolha que é feita pelo consumidor mais exigente. Há muitos vinhos disponíveis, mas há alguns que são verdadeiros néctares pelo sabor e pelo aroma que transmitem.	Discurso Teórico	acção definição
2	Do Dão, surge agora um tinto que transborda elegância: o Quinta da Falorca Reserva 2004 – Lagar. Um bom trabalho de Carlos Figueiredo com a Vines & Wines.	Discurso Interactivo	acção ocorrência
3	Engarrafado em Setembro de 2008, demonstra as grandes qualidades das castas Touriga Nacional, Tinta Roriz e Alfrocheiro Preto e daí resulta um vinho de assinalável estrutura e com aroma frutado e distinto.	Discurso Interactivo	acção ocorrência
4	É a Quinta Vale das Escadinhas o verdadeiro coração desta proposta empolgante.	Discursos Teórico e Interactivo (misto)	acção canónica

Nº	Texto <i>No coração do Dão</i>	Tipo de discurso	Figuras de acção
5	Pertencente, desde há cinco gerações, à família Costa Barros de Figueiredo, hoje liderada por Carlos Figueiredo, consiste em quatro parcelas na sub-região de Silgueiros. Nos últimos trinta anos, as vinhas foram sendo reconvertidas, mas tratava-se de aproveitar ao máximo as condições excelentes da área.	Relato Interactivo	acção acontecimento passado
6	É uma quinta típica do Dão, entre montanhas e vales, que alterna o frio e a chuva do Inverno com o calor seco do Verão, o que torna o fruto de condições tão extremas.	Discurso Teórico	acção definição
7	A Quinta do Vale das Escadinhas fica, de resto, junto ao rio Dão, próxima de Viseu.	Discursos Teórico Interactivo (misto)	acção canónica
8	Embora nem todas as castas disponíveis sejam utilizadas neste Quinta da Falorca, é de assinalar que, ali, a Touriga Nacional é hegemónica (52%), ladeada de uvas de Tinta Roriz, Alfrocheiro Preto, Tinta Pinheira e Jaen, numa assinalável dispersão de aromas e sabores. A quinta tem ainda uma área mais reduzida, destinada às castas brancas Encruzado e Malvasia. Com um portefólio assente nas marcas da Quinta da Falorca (E-Falorca, Rose, Colheita, Reserva, Tinta Roriz, Touriga Nacional e Garrafeira) e na marca Falorca T-nac, tem já merecido alguns prémios relevantes no mercado externo como a medalha de bronze no Wine Master's Challenger de 2002, com o vinho Quinta da Falorca Reserva 2000 ou os sucessivos e estimulantes pontos Parker dados ao Touriga-Nacional (90 pontos) e E-Falorca 2006 (88 pontos), entre outros.	Discursos Teórico Interactivo (misto)	acção canónica
9	Com um mercado externo diversificado (Suíça, Noruega, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Espanha, E.U.A. e Brasil), aposta agora num novo e estimulante tinto reserva.	Discurso interactivo	acção ocorrência
10	A descobrir, pois claro.	Discurso interactivo	acção ocorrência

Texto 1 *No coração do Dão*: síntese da análise conjugada de tipos de discurso e figuras de acção

No que diz respeito à análise dos tipos de discurso, dá-se como atestada a presença do Discurso Teórico, do Discurso Interactivo e do Relato Interactivo, pertencendo os dois primeiros tipos de discurso à ordem do *Expor*, enquanto o terceiro pertence à ordem do *Contar*. Isto significa, como foi já referido, que o Discurso Teórico e o Discurso Interactivo estão em conjunção com a organização temporal, sendo o Discurso Teórico autónomo do ponto de vista da organização actorial e o Discurso Interactivo implicado na actorialidade. Por sua vez, o Relato Interactivo partilha com este último, o Discurso Interactivo, a implicação actoral, diferenciando-se na disjunção da organização temporal, pertencendo, por isso, à ordem do *Contar*.

Desta forma, o Discurso Teórico surge como o tipo de discurso configurador de um conhecimento organizado sobre um assunto, o vinho, o Discurso Interactivo, como configurador de uma relação de interacção construída entre quem escreve o artigo e o seu leitor, e o Relato Interactivo, como configurador de uma relação de interacção dissociada do Presente. Destacamos, ainda, a presença de passagens com um tipo de discurso misto, conjugação de características de Discurso Teórico e de Discurso Interactivo.

O Discurso Teórico aparece associado à *figura de acção* definição, o Discurso Interactivo surge em função da *figura de acção* ocorrência; do Discurso misto, a conjugação dos Discursos Teórico e Interactivo ocorre em passagens da acção canónica, e, por último, o Relato Interactivo dá-se num excerto de acção acontecimento passado.

Como reformuladora de um conhecimento teórico de um ponto de vista pessoal, a *figura de acção* definição ocorre nos excertos nº 1 e 6, formalizada pela presença de algumas formas verbais impessoais, ancoradas num eixo temporal extenso, apelando aos valores de anterioridade, simultaneidade e posterioridade do Presente do Indicativo; verifica-se, também, uma agentividade nula e a abundância de estrutura frásica semelhante a *É qualquer coisa...* (nº 1, «O vinho é uma memória viva da civilização. É um prazer (...) é um sinal de distinção (...). Há muitos vinhos...», nº 6, «É uma quinta típica do Dão»).

Os excertos 2, 3, 9 e 10 são exemplos das *figuras de acção* ocorrência, primordialmente associada ao Discurso Interactivo. As características detectadas desta *figura de acção* são: a construção de uma situação de interacção através do recurso a deícticos temporais (nº 2 e 9, «agora»), usando o Presente do Indicativo com valor de simultaneidade e de posterioridade (nº 2, «surge», nº 9, «aposta»), ou somente o Infinitivo com valor de posterioridade, nº 10, «descobrir»); estes excertos apresentam, ainda, estrutura desorganizada (nº 9) e o uso de nomes próprios (nº 2, «Quinta da Falorca Reserva 2004 – Lagar», «Carlos Figueiredo», «Vines & Wines», nº 3, «Touriga Nacional, Tinta Roriz e Alfrocheiro Preto», nº 9, nomes de países) que remetem para objectos acessíveis (nº 3, «daí resulta um vinho de assinalável estrutura e com aroma frutado e distinto»).

A *figura de acção* canónica, apresentando uma acção prototípica e objectiva a partir da conjugação dos tipos de discurso Discurso Teórico e Discurso Interactivo, está presente nos excertos 4, 7 e 8 no Presente do Indicativo (nº 4, «é», nº 7, «fica», nº 8, «é», «tem»), ainda que com estruturas argumentativas (ou com valor lógico-argumentativo, nº 4, «...o verdadeiro coração desta proposta empolgante.», nº 7, «fica, de resto, junto ao rio Dão», nº 8, «é de assinalar...», «numa assinalável dispersão de aromas e sabores.», «tem já merecido alguns prémios relevantes como (...) ou os sucessivos e estimulantes (...), entre outros»).

Finalmente, dá-se ainda a uma única presença da acção acontecimento passado a partir do tipo de discurso Relato Interactivo, no excerto nº 5. Esta *figura de acção* evoca o agir sob o ângulo da singularidade, através de um esquema narrativo baseado numa organização temporal cronológica («desde há cinco gerações», «nos últimos trinta anos»), bem marcada num eixo de referência temporal com referência ao passado que situa a acção em disjunção com o Presente, usando, para tal o Presente («há» com valor de anterioridade e simultaneidade), o Pretérito Perfeito (conjugado com o Gerúndio, «foram sendo reconvertidas» com valor de anterioridade e simultaneidade) e Pretérito Imperfeito («tratava-se» com valor de anterioridade).

³ Para facilitar a leitura do texto e da análise, o texto foi dividido e numerado.

4.2. Texto 2: o género textual *cartoon*

De facto, em caso de textos como a recensão crítica, como vimos, é possível detectar figuras de acção contidas no texto. Isso pode ser entendido ao considerarmos esse género dentro dos textos que compreendem aqueles de «incitação à acção» segundo Adam (2001). Desse modo, como podemos falar de figuras de acção dentro de textos como o *cartoon*?

Em primeiro lugar, acreditamos que as acções de linguagem são atribuídas aos textos. Relembramos que no ISD, o agir humano inclui um agir comunicativo e esse passa indubitavelmente pela via do texto. Sendo assim, o *cartoon* configura-se numa acção de linguagem dentro da actividade do cartoonista que será fazer um texto opinativo, mas com humor, juntando para isso a linguagem verbal e não verbal. Em segundo lugar, as características das figuras de acção como as de tipos de discurso, a agentividade, o eixo de referência temporal como também as formas verbais são encontradas nos *cartoons*. Desse modo, fica-nos a questão das próprias figuras de acção. Vejamos o exemplo abaixo:

Imagem do texto 2

Nesse exemplo, o *cartoon* intitulado Bartoon que tem tiragem diária foi retirado do jornal «Público» no dia 15/01/2006. O autor do texto, Luís Afonso, apresenta sempre a cena do bar, na qual o funcionário é constante, variando apenas aqueles que frequentam o estabelecimento. O próprio bar caracteriza-se como um costume cultural do portugueses (é comum entre os portugueses a frequência do bar/café). Nessa cena de bar, ocorrem diálogos

sobre um tema do dia-a-dia que esteja vigente na sociedade no momento da elaboração do *cartoon*. Também é interessante notar que, no «Bartoon», a estrutura utilizada lembra-nos a história em quadrinhos, sendo a cena representada sequencialmente em quadros. Na análise dos tipos de discurso do género textual *cartoon*, a análise permite mostrar que o acesso aos mundos discursivos construídos será feito, não só pelos tipos linguísticos, mas também pela articulação entre texto verbal e imagem (Leal 2008: 228).

Assim, no primeiro e segundo quadros, a imagem presente nesse *cartoon* mostra os interlocutores, um a ler o jornal, enquanto o outro observa. O terceiro e quarto quadros apresentam uma encenação de conversas entre os personagens representados pela imagem. Ainda pela imagem também temos acesso à encenação do contexto físico da interacção, o lugar da produção (o bar), e o momento da produção. Estas características apontam para a semiotização do tipo de Discurso Interactivo. Podemos, então, concluir que a própria parte icónica apresenta traços que influem na construção do mundo discursivo e, consequentemente, na composição desse género. Aliás, é o funcionamento do texto e da imagem que, nesse género, cria os parâmetros da situação de acção da linguagem em curso, trazendo informações sobre as personagens, o grupo social que pertencem (um é funcionário e o outro é um cliente) e sua relação com o contexto em que estão inscritos.

Com relação à parte verbal, no primeiro e segundo balão, o Discurso Teórico aparece aqui, com o uso da frase declarativa e o tempo verbal presente do indicativo («podem»), juntamente com a ausência de marcas de primeira ou segunda pessoa que apontam para o agente-produtor. No entanto, o Discurso Teórico presente nestes balões não aparece de maneira «genuína», pois o termo próprio «Estado» indica um elemento (o Estado Português) que tem implicação no mundo ordinário do agente. Isto aponta para a presença do Discurso Interactivo numa combinação mista com o Discurso Teórico. No último balão, o tipo de discurso é o Discurso Misto em que aparece numa junção do Discurso Interactivo com o Discurso Relatado. O Discurso Interactivo é identificado pelo segmento «já estou a ver». Nessa frase, a agentividade é expressa pela terminação do verbo «estou», indicando tratar-se da primeira pessoa do singular, e pela temporalidade marcada pelo verbo no Presente. Já o Discurso Relatado ocorre – pela frase declarativa, «Cavaco a dizer que se deve evitar uma segunda volta para ajudar a economia».

<i>Cartoon</i>	Tipo de Discurso	<i>Figuras de Acção</i>
1º e 2º quadro	Misto: predominância do Discurso Teórico, mas com uma marca do Discurso Interactivo.	acção canónica
4º quadro	Misto: Discurso Interactivo numa junção com o Discurso Relatado	acção ocorrência

Quadro síntese de análise do texto 2 sobre as *figuras de acção*

De acordo com as características do *cartoon* aqui analisado, verifica-se a partir dos tipos de discurso, uma acção canónica, no primeiro e segundo quadro, que é evidenciada pelo uso do presente e por uma agentividade neutra. Já no quarto quadro, temos a acção ocorrência evidenciada pela presença do Discurso Interactivo e Discurso Relatado, que mostra, ainda, na situação de interacção representada, também uma implicação forte da primeira pessoa «Eu». Além disso, através dos diálogos, no *cartoon*, temos acesso ao momento da produção

representada em cena, como ainda, através da imagem, conhecemos, não só a presença dos produtores desses diálogos, como também temos acesso à sua situação de produção física e social. Essas são fortes características que evidenciam tanto o tipo de discurso como também a *figura de acção* realizada.

Desse modo, podemos considerar que as relações de implicação e conjunção serão transversais a todo o género, apresentando uma agentividade forte e um valor temporal que indica simultaneidade. Desse forma, o *cartoon* apresenta um forte grau de contextualização, uma vez que, quando o observamos, partilharmos o ponto de vista do autor a partir da nossa interpretação, estabelecendo uma cumplicidade entre o autor e o leitor. Afinal, o traço do autor leva-nos a partilhar o mundo –o nosso e o seu– as suas ideias, crenças e valores. Contudo, não podemos negar que outras características como o uso de imagens dão a esse género um carácter diferencial. Isso leva-nos, sem dúvida, a poder constatar que há, de facto, uma acção do agir-referente caracterizada como «acção ocorrência» indicada tanto pela presença do Discurso Interactivo, quanto pela situação de interacção representada pela imagem. Afinal, o cartoonista age por meio do seu desenho e aí expressa a sua opinião, fazendo a sua acção comunicativa.

5. A investigar de futuro

Como anunciámos, analisámos a aplicabilidade da noção de *figura de acção* em dois géneros de texto, o *cartoon* e a *recensão crítica sobre o vinho*. Confirmamos a nossa convicção que o género se relaciona com as nossas práticas sociais. Assim, acreditamos que é na acção de linguagem que o género estabelece uma relação dinâmica entre acção, género e actividade que vai variar de acordo com o momento social, cultural e histórico.

Desse modo, nossa primeira conclusão é de que, pelo género, temos acesso à actividade de linguagem na qual esse género se insere: no caso do *cartoon*, uma actividade humorística em confluência com a actividade jornalística; e no caso da *recensão crítica sobre o vinho*, uma actividade jornalística interpretada como sendo de incitação à acção de comprar ou de provar o vinho. Ainda que bastante diferentes, consideramos que estes dois géneros se relacionam entre si, uma vez que ambos apresentam autoria conhecida: o *Bartoon*, do autor Luís Afonso e *No Coração do Dão*, do jornalista Fernando Sobral. Essa informação, de certa forma, indicia o papel do agente do texto. Além disso, as marcas dessa agentividade nos dois géneros parecem evidentes nas formas verbais da 1ª pessoa através do nome do autor do texto ou de assinatura. Sem dúvida, o agente, na perspectiva aqui assumida, é tido como qualquer pessoa implicada no agir, um conceito fundamental no estudo do agir no âmbito do ISD.

Já sobre o quadro teórico-metodológico de *figuras de acção*, constatámos que foi possível a identificação de *figuras de acção* realizada predominantemente em função dos tipos de discurso que, por si só, já apontam características relativas a agentividade e temporalidade utilizada nos textos. A partir desta análise, a *figura de acção* verificou-se um instrumento de análise linguística operacionalizável, o que nos leva a acreditar que é possível ser aplicável em contextos diferentes do agir-referente trabalho.

Bibliografia

- Adam, Jean-Michel (2001): *Entre le conseil et le consigne: les genres de l'incitation à l'action*. In: *Pratiques* 111-112, 7-37.
- Bronckart, Jean-Paul (1999): *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos. Por um Intercionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- (2006): *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. Machado, Anna Rachel / Meirelles, Maria de Lourdes (edd.): Campinas: Mercado de Letras.
- (2008a): *Genre de textes, types de discours et «degrés» de langue*. In: *Texto!* 12, 1-2, <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>> (2010 11 24)
- (2008b): *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras.
- / Bulea, Ecaterina (2005): *La dynamique de l'agir dans la dynamique langagière*. In: Barbier, J-M. / Durand, M. (edd.): *Sujet, activité, environnement; approches, problèmes, outils*. PUF.
- / Machado, Anna Rachel (2004): *Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional*. In: Machado, Anna Raquel (ed.): *O Ensino como trabalho. Uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 131-163.
- Bulea, Ecaterina (2009a): *Types de discours et interprétation de l'agir: le potentiel développemental des figures d'action*. In: *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 3, 135-152.
- (2009b): *Quel statut sémiotique pour les entités linguistiques de taille supérieure au mot? Problèmes théoriques et méthodologiques*. Reunião de trabalho entre Grupo LAF- Langage, Formation, Action da Universidade de Genebra e Grupo Pretexto do CLUNL/Outubro, Lisboa.
- (2010): *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Campinas: Mercado de Letras.
- Coutinho, Maria Antónia (2009): *Marcadores discursivos e tipos de discurso*. In: Valentim, Helena Topa / Moreira, Benjamin (edd.): *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 2, 193-210.
- Leal, Audria (2008): *A presença do discurso interativo no género textual cartoon*. In: *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 1, 71-80.
- Maingueneau, Dominique (2005): *As Categorias de Análise do Discurso*. In: *Actas do Seminário Internacional de Análise do discurso*. Lisboa: Hugin Editores, 81-105.